

SOCIEDADE DE  
**CULTURA**  
ARTÍSTICA

*Orquestra Sinfônica*  
*de Montreal*  
**Charles Dutoit**

**Regência e  
Direção Artística**

Abril 14, 15 e 16

**Les Arts Florissants**

**William Christie**, regência

Abril 27, 28 e 29

**Orquestra Filarmônica de São Petersburgo**

**Yuri Temirkanov**, regência

Maio 6, 11 e 12

**Boston Symphony Chamber Players**

Junho 2, 3 e 4

**Dezsö Ranki**, piano

Junho 29 e 30 – Julho 1

**Orquestra Sinfônica de Montreal**

**Charles Dutoit**, regência

Agosto 24, 25 e 26

**Quarteto de Tóquio**

**e Barry Douglas**, piano

Setembro 14, 15 e 16

**The Philharmonia Orchestra**

**John Eliot Gardiner**, regência

**Lynne Dawson**, soprano

Setembro 24, 25 e 28

**The Academy of Ancient Music**

**Christopher Hogwood**, regência

**Nancy Argenta**, soprano

Novembro 3, 4 e 5

**Orquestra da Toscana**

**Umberto Benedetti Michelangeli**, regência

**Gianluca Cascioli**, piano

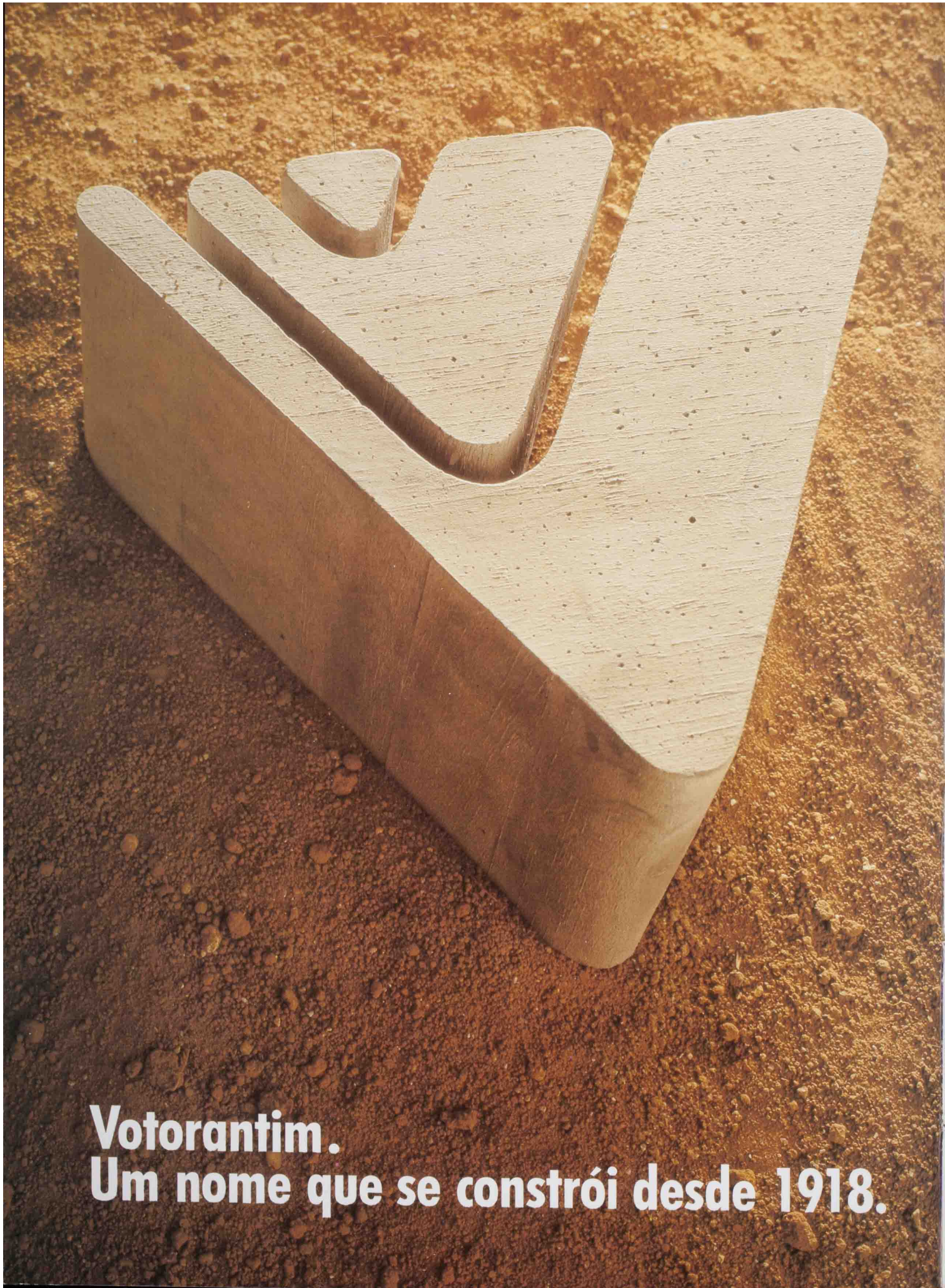
Novembro 24, 25 e 26

**Orquestra Nacional da Espanha**

**Rafael Frühbeck de Burgos**, regência

**Pepe Romero**, violão





**Votorantim.  
Um nome que se constrói desde 1918.**



*Temporada 98*

SOCIEDADE DE  
**CULTURA**  
**ARTÍSTICA**

apresenta

*Orquestra Sinfônica*  
*de Montreal*

**Orquestra Sinfônica  
de Montreal**

*Charles Dutoit*

**Charles Dutoit**

Diretor Artístico  
e Regente



promoção



patrocínio



VOLKSWAGEN



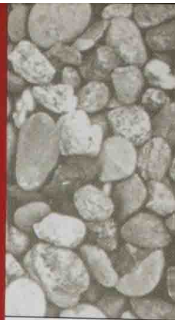
Votorantim

# Orquestra Sinfônica de Montreal



Orquestra Sinfônica de Montreal foi fundada em 1934 por um grupo de melômanos canadenses, que logrou contar com o apoio do Governo de Québec, e é há muitos anos uma das principais organizações culturais da cidade cujo nome adota com orgulho. Sediada na *Salle Wilfrid Pelletier* – parte do complexo cultural da *Place des Arts*, situado no coração da cidade –, a Sinfônica de Montreal é motivo orgulho em todo o Canadá. Com suas dezenas de gravações e inúmeras turnês nacionais internacionais, a Orquestra cultiva o intercâmbio artístico e desempenha o papel de embaixadora cultural de sua cidade e de seu país.

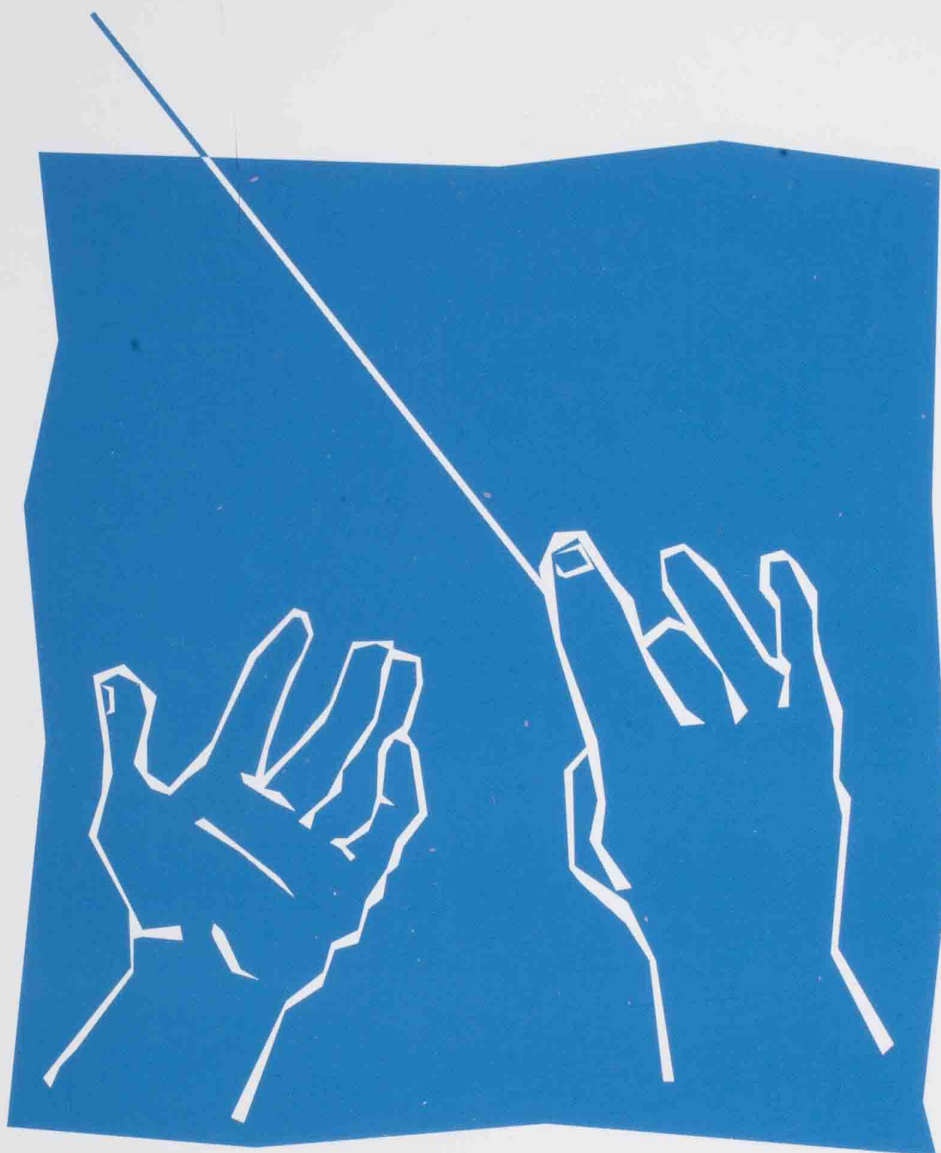
No primeiro concerto da Sinfônica de Montreal – realizado em 14 de janeiro de 1935, no *Plateau Hall*, próximo ao Parque Lafontaine –, o maestro canadense Rosario Bourdon regeu obras de Beethoven, Tchaikovsky, Mendelssohn, Debussy, Godmark e do compositor canadense Calixa Lavallée. Pouco tempo depois desse concerto inaugural, Wilfrid Pelletier, natural da cidade e então regente no *Metropolitan* de Nova Iorque, tornar-se-ia o primeiro Diretor Musical da Orquestra Sinfônica de Montreal, conjunto com o qual criaria as matinês para jovens e a série de concertos de verão no *Chalet* do Mont Royal. Em 1940, o belga Désiré Defauw sucedeu a Pelletier e, nas décadas seguintes, importan-



tes maestros convidados – dentre os quais Charles Munch, Bruno Walter, Georges Enesco, o compositor Igor Stravinsky, Leopold Stokowski, o também compositor Leonard Bernstein, Pierre Monteux, Joseph Krips, Ernest Ansermet e Otto Klemperer – contribuíram para o crescimento da Orquestra Sinfônica de Montreal.

Em 1957, Igor Markevitch assumiu a Direção Musical do conjunto e, sob sua batuta, a Orquestra ampliou suas atividades e tornou-se um conjunto completamente profissional. De 1961 a 1967, a Sinfônica de Montreal teve o jovem Zubin Mehta como seu Diretor Musical e Regente Titular e sob a batuta de Mehta conquistou prestígio crescente no Canadá e realizou a primeira turnê européia de uma orquestra canadense. Sucederam a Mehta os Maestros Franz-Paul Decker (1967/1975), Rafael Frühbeck de Burgos (1975/1976) e Charles Dutoit, Diretor Musical da Orquestra Sinfônica de Montreal desde 1977.

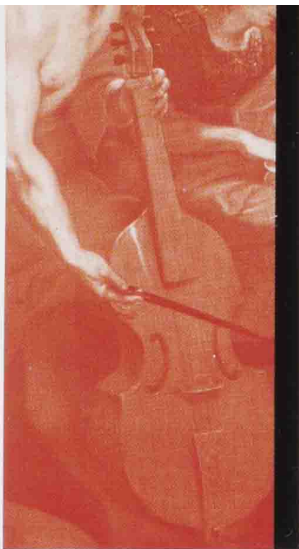
Além de sua temporada anual de concertos por assinatura, desde 1980 que a Orquestra Sinfônica de Montreal promove regularmente, durante o verão canadense, um Festival de Música que atrai grande público ao sítio histórico da Basílica de Notre Dame, na velha Montreal, bem como realiza diversos concertos populares e gratuitos nos parques da cidade. A excelência da Sinfônica de Montreal vem sendo continuamente comprovada pelo sucesso



*BankBoston. Arte em grandes negócios.*



Informações: 0800-55-1784  
[www.bankboston.com.br](http://www.bankboston.com.br)



de público e de crítica nas inúmeras turnês canadenses e internacionais do conjunto. De sua primeira turnê até hoje, a Sinfônica de Montreal realizou 33 turnês nacionais e internacionais – 29 das quais sob a batuta de Charles Dutoit, o primeiro a levar a Orquestra a excursionar pelo Canadá, em 1978 –, oito delas na Europa, seis no Japão, uma na Coreia do Sul e uma nas Américas Central e do Sul. Nos Estados Unidos, país no qual a Orquestra já se apresentou em 20 ocasiões, a Sinfônica de Montreal foi a primeira orquestra canadense convidada a tocar no *Hollywood Bowl* e nos Festivais de Ravinia, de Tanglewood e de Nova Iorque, de que são hoje artistas regularmente convidados. Desde 1982, Charles Dutoit e a Sinfônica de Montreal apresentam-se anualmente, para casas sempre lotadas, no *Carnegie Hall* de Nova Iorque.

A discografia da Sinfônica de Montreal sob a regência de Dutoit abrange 75 álbuns, registrados com exclusividade para o selo *Decca/London*, 40 deles agraciados com importantes prêmios do mundo do disco. Em dezembro de 1984, a Orquestra tornou-se o primeiro conjunto canadense a ganhar o Disco de Platina, com sua gravação do *Bolero* de Ravel; em 1996, com sua gravação de *Les Troyens*, de Berlioz, a Sinfônica de Montreal e Charles Dutoit receberam seu primeiro *Grammy Award*, na categoria Melhor Gravação de Ópera, e também o prêmio *JUNO* de Melhor Álbum Clássico de 1996, pela gravação das Sinfonias n<sup>os</sup> 5 e 9 de Shostakovich; em março de 1997, a Orquestra e seu Diretor Musical foram agraciados com um novo Prêmio *JUNO*, o de Melhor Álbum Clássico: Interpretação Vocal ou Coral, por sua gravação de *La Damnation de Faust*, de Berlioz.





# Charles Dutoit



Diretor Musical da Orquestra Sinfônica de Montreal desde 1977, Charles Dutoit e seus músicos estabeleceram uma das mais bem-sucedidas parcerias do mundo da música erudita. Ao longo de vinte e um anos de trabalho conjunto, Dutoit e a Sinfônica de Montreal já gravaram mais de setenta álbuns, registrados com exclusividade para o selo *Decca/London*, e foram agraciados com mais de 40 prêmios e distinções, canadenses e internacionais, dentre os quais o *Grand Prix du Président de la République Française*, o *Prix Mondial du Disque de Montreux*, o *High Fidelity International Record Critics' Award*, o *Amsterdam Edison Award*, o Prêmio da Academia Japonesa do Disco, o Prêmio dos Críticos de Música da Alemanha e diversos Prêmios *JUNO* e *ADISQ*. Em 1996, com o registro integral de *Les Troyens*, de Berlioz, Dutoit e a Sinfônica de Montreal ganharam seu primeiro *Grammy Award*, na categoria Melhor Gravação de Ópera.

Além de suas séries anuais de concerto no Canadá, Charles Dutoit e a Sinfônica de Montreal apresentam-se regularmente no





*Hollywood Bowl*, nos Festivais de Ravinia, de Tanglewood e de Nova Iorque e, desde 1982, vêm realizando, anualmente e sempre com casas lotadas, festejados concertos no *Carnegie Hall* de Nova Iorque. Desde 1981, Dutoit e a Orquestra Sinfônica de Montreal têm empreendido também importantes turnês internacionais, que os têm levado aos Estados Unidos, à Europa, onde já realizaram cinco grandes turnês, à Ásia, às Américas Central e do Sul e ao Extremo Oriente, onde já se apresentaram em cinco consagradas temporadas de concerto.

Paralelamente às suas atividades com a Sinfônica de Montreal, Charles Dutoit foi nomeado, em 1990, Diretor Musical da Orquestra Nacional da França, desde setembro de 1996 é Regente Principal da *NHK Symphony Orchestra* de Tóquio e é Diretor Artístico e Regente Principal de duas séries anuais de concertos da Orquestra da Filadélfia – no *Mann Music Center*, de Filadélfia, e no *Saratoga Performing Arts Center*, no estado de Nova Iorque –, eventos de grande importância no calendário musical norte-americano.

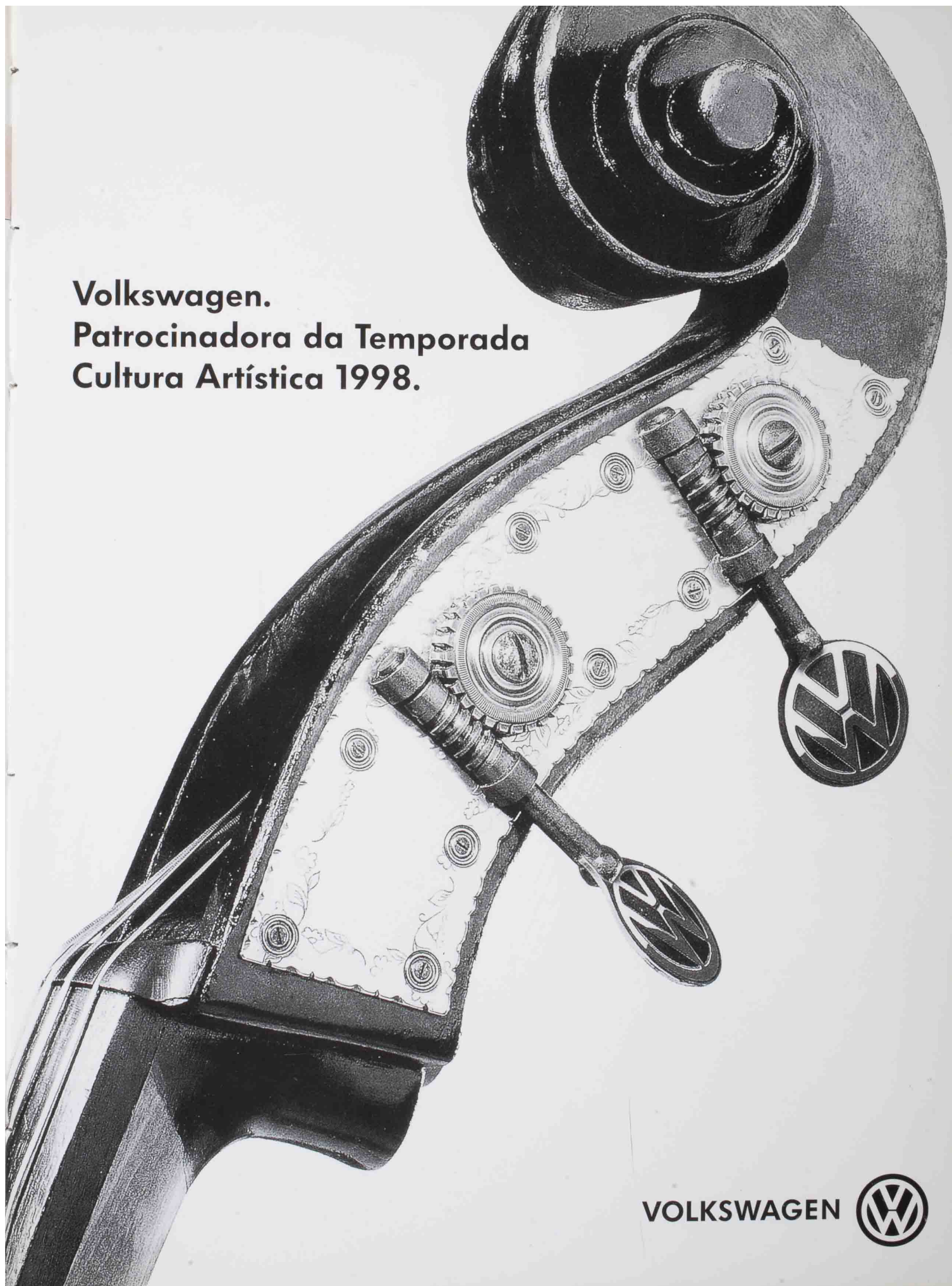


Como Regente Convidado, Dutoit tem-se apresentado à frente de algumas das melhores e mais importantes orquestras do mundo, dentre as quais se destacam, nos Estados Unidos, as Orquestras de Boston, Filadélfia, Nova Iorque, Cleveland, Chicago, Pittsburgh, Los Angeles e São Francisco, e, no Oriente Médio e na Europa, as Filarmônicas de Israel, Berlim, Munique, Paris, Londres e a Orquestra do *Concertgebouw* de Amsterdã. Como regente de ópera, estreou no *Covent Garden*, em 1983, e tem colaborado com a *Deutsche Oper* de Berlim, com o *Los Angeles Music Center Opera* e com o *Metropolitan* de Nova Iorque. A discografia do Maestro Dutoit inclui também, com orquestras que não a Sinfônica de Montreal, gravações registradas para os selos *Deutsche Grammophon*, *EMI*, *Philips*, *CBS* e *Erato*.

Ao longo de sua vida artística, Charles Dutoit recebeu inúmeras honrarias e distinções: é doutor *honoris causa* pelas Universidades McGill, de Montreal e de Laval; foi agraciado pelo Conselho Canadense de Música com o título de Músico do Ano de 1982 e com a Medalha do Conselho Canadense de Música, em 1988, em reconhecimento à sua excepcional contribuição à música no Canadá; foi homenageado pelo governo francês com os títulos de *Officier de l'Ordre des Arts et des Lettres* e de *Commandeur de l'Ordre des Arts et des Lettres*, concedidos em 1988 e em 1996, respectivamente; em 1991 foi nomeado Cidadão Honorário da Cidade de Filadélfia; em 1994 recebeu o Diploma de Honra da Conferência Canadense de Artes; há diversos anos foi agraciado com o título de *Grand Montréalais* (grande cidadão de Montreal); e em abril de 1995 recebeu a nomeação de *Grand Officier de l'Ordre National du Québec*.



**Volkswagen.  
Patrocinadora da Temporada  
Cultura Artística 1998.**



**VOLKSWAGEN** 

# PROGRAMAS

## *Série Branca*

29 de junho, segunda-feira, 21h

**JACQUES HÉTU** (1938)

**Le Tombeau de Nelligan**

**ACHILLE-CLAUDE DEBUSSY** (1862 - 1918)

**Prélude à l'Après-midi d'un Faune**

**ACHILLE-CLAUDE DEBUSSY**

**La Mer, trois esquisses symphoniques**

De l'aube à midi sur la mer  
(Da alvorada ao meio-dia no mar)

Jeux de vagues (Jogos de ondas)

Dialogue du vent et de la mer  
(Diálogo do vento e do mar)

*intervalo*

**SERGEI PROKÓFIEV** (1891 - 1953)

**Sinfonia nº 5, em Si bemol maior, opus 100**

Andante

Allegro marcato: scherzo

Adagio

Allegro giocoso

## *Série Azul*

30 de junho, terça-feira, 21h

**GIUSEPPE VERDI** (1813 - 1901)

**La Forza del Destino, Abertura**

**BÉLA BARTÓK** (1881 - 1945)

**Concerto para Orquestra**

Introduzione (Andante non troppo); Allegro vivace

Giuoco delle Coppie: Allegretto scherzando

Elegia: Andante, non troppo

Intermezzo interrotto: Allegretto

Finale: Pesante; Presto

*intervalo*

**IGOR STRAVINSKY** (1882 - 1971)

**Petruchka** (versão de 1911)

A Praça do Almirantado, em São Petersburgo,  
na década de 1830, durante a Feira do Carnaval,  
em um ensolarado dia de inverno

O quarto de Petruchka

O quarto do Mouro

A Feira do Carnaval, como no primeiro quadro;  
entardecer





1 de julho, quarta-feira, 21h

**HECTOR BERLIOZ** (1803 - 1869)

**Carnaval Romain, Overture, opus 9**

**BÉLA BARTÓK** (1881 - 1945)

**Concerto para Orquestra**

Introduzione (Andante non troppo); Allegro vivace

Gioco delle Coppie: Allegretto scherzando

Elegia: Andante, non troppo

Intermezzo interrotto: Allegretto

Finale: Pesante; Presto

*intervalo*

**SERGEI PROKÓFIEV** (1891 - 1953)

**Sinfonia nº 5, em Si bemol maior, opus 100**

Andante

Allegro marcato: scherzo

Adagio

Allegro giocoso

**PRÓXIMAS ATRAÇÕES**

**Quarteto de Tóquio**

**Barry Douglas**, Piano

24 de agosto, segunda-feira

Beethoven: Quarteto nº 3 em Ré maior

Shostakovich: Quarteto nº 1 em Dó maior

Franck: Quinteto em Fá menor para Piano e Cordas

25 de agosto, terça-feira

Haydn: Quarteto em Sol maior

Barber: Quarteto em Si menor

Dvorak: Quinteto em Lá maior para Piano e Cordas

26 de agosto, quarta-feira

Haydn: Quarteto em Sol maior

Shostakovich: Quarteto nº 1 em Dó maior

Franck: Quinteto em Fá maior para Piano e Cordas

# Orquestra Sinfônica de Montreal

Charles Dutoit, Diretor Artístico

Wilfrid Pelletier e Zubin Mehta, Regentes Eméritos

Louis Charbonneau, Timpanista Emérito

## Primeiros Violinos

Richard Roberts\*, *spalla*  
Eugene Husaruk\*, *spalla* associado  
Luis Grinhauz\*, *spalla* assistente  
Geneviève Beaudry  
Marc Béliveau  
Marie Doré  
Marianne Dugal  
Sophie Dugas  
Xiao-Hong Fu  
Ramsey Husser  
Jean-Marc Leblanc  
Ingrid Matthiessen  
Katherine Palyga  
Myriam Pellerin  
Susan Pulliam  
Viviane Roberge  
Claire Segal  
Eva Svensson

## Segundos Violinos

Reynald L'Archevêque\*, principal  
Jonathan Crow\*, principal associado  
Brigitte Rolland\*, primeira assistente  
Isabelle Lessard\*, segunda assistente  
Victor Eichenwald  
Mary Ann Fujino  
Johannes Jansonius  
Pierre E. Jean  
Jean-Marc Leclerc  
Élise Lortie  
Sara Pistolesi  
Monique Foitras  
Gratiel Robitaille  
Gérald Sergent  
Sherry Steinberg  
Daniel Yakymyshyn

## Violas

Neal Gripp\*, principal  
Robert Verebes\*, segundo principal  
Charles Meinen\*, segundo assistente  
Margot Aldrich  
Jocelyne Bastien  
Julie Dupras  
Sylvie Laville  
William Lunn  
Véronique Potvin  
David Quinn  
Natalie Racine  
André Roy  
Marie Vanier

## Violoncelos

Patrick Binford\*, associado  
Michael Kilburn\*, primeiro assistente  
Gary Russell\*, segundo assistente  
Karen Baskin  
Christopher Best  
Li-Ke Chang  
Christine Giguère  
Sylvie Lambert  
Gerald Morin  
Jean-Luc Morin  
Pierre Tessier

## Contrabaixos

Michael Leiter\*, principal  
Briar Robinson\*, assistente  
Jacques Beaudoin  
Denis Chabot  
Eric Chappell  
Peter Dagostino  
Joan Herschorn  
Lindsey Meagher







#### **Flautas**

Timothy Hutchins, principal  
Denis Bluteau, associado  
Carolyn Christie  
Virginia Spicer, *piccolo*

#### **Oboés**

Theodore Baskin, principal  
Margaret Morse, associada  
Diane Lacelle  
Pierre-Vincent Plante, corne-ínglês

#### **Clarinetes**

Robert Crowley, principal  
Michael Dumouchel  
André Moisan, clarinete-baixo  
Sonia Morin

#### **Fagotes**

Whitney Crockett, principal  
Stéphane Lévesque, associado  
Suzanne Nelsen  
Samantha Duckworth, contrafagote

#### **Trompas**

John Zirbel, principal  
James Nickel, associado  
Jean Gaudreault  
John Milner  
David Marlowe

#### **Trompetes**

Paul Merkelo, principal  
Russell Devuyt, associado  
Jean-Louis Chatel  
Jean-Luc Gagnon  
Ricardo Diano

#### **Trombones**

Peter Sullivan, principal  
Vivian Lee  
Pierre Beaudry, trombone-baixo

#### **Tuba**

Dennis Miller, principal

#### **Tímpanos**

Jacques Lavallée, assistente

#### **Percussão**

Jacques Lavallée\*\*, chefe de naipe  
Serge Desgagnés, tecladista principal  
Vincent Dhavernas  
Gregory C. Law  
Andrei Malashenko  
Robert Slapcoff

#### **Harpas**

Jennifer Swartz, principal  
Margot Morris

#### **Piano e Celesta**

Rolf Bertsch  
Olga Gross

#### **Biblioteca e Arquivo**

Giulio Masella  
Bibliotecário e Diretor Assistente de Pessoal

\* Com exceção desses músicos, a distribuição nas seções de cordas adota o sistema de revezamento nas estantes.

\*\* Interino

OMINT.

UNINDO O MELHOR

DA CIÊNCIA E

DA CONSCIÊNCIA

MÉDICA.

PARA MAIORES INFORMAÇÕES, LIGUE PARA A OMINT:

0800 • 174433 DAS 8:00 ÀS 20:00 H.

GUIMARÃES



OMINT BRASIL SÃO PAULO • RIO DE JANEIRO • RIBEIRÃO PRETO • CAMPINAS  
OMINT ARGENTINA BUENOS AIRES • CÓRDOBA • MENDOZA • TUCUMAN • SALTA

OMINT  
  
ASSISTENCIAL





JACQUES HÉTU (1938)

### Le Tombeau de Nelligan

"Nos últimos vinte anos, ao sabor das encomendas, coloquei em música treze poemas de Émile Nelligan. Os cinco poemas de *Clartés de la nuit*, opus 20 (1972), para soprano e piano, os quatro poemas de *Abîmes du Rêve*, opus 36 (1982), para baixo e orquestra, e os quatro poemas de *Illusions Fanées*, opus 46 (1988), para coro *a cappella*, constituem uma espécie de trilogia na qual acredito ter expresso todo o meu envolvimento com esse universo onírico onde se conjugam angústia e beleza formal. Depois, no instante de empreender a composição desta peça sinfônica encomendada pela rede francesa da *Société Radio-Canada*, em 1991, a obra de Nelligan estava comigo novamente, pois naquele ano era comemorado o cinquentenário de sua morte. Decidi, então, dedicar a ele esta homenagem puramente instrumental.

"Citei à testa da partitura de *Le Tombeau de Nelligan* (Estela Funerária de Nelligan) um quarteto do poeta, que poderia ser seu epitáfio:

Je sens voler en moi les oiseaux du génie,  
Mais j'ai tendu si mal mon piège qu'ils ont pris,  
Dans l'azur cérébral, leurs vols blancs, bruns et gris,  
Et que mon coeur brisé raie son agonie.

(Ambientação semântica: Sinto voar em mim pássaros do gênio / Mas dispus tão mal minha armadilha que eles alçaram / No azul cerebral, seus vôos brancos, amarronzados e cinzentos / E meu coração partido lamenta sua agonia).

"A obra faz uso de uma estrutura derivada da forma sonata (exposição – desenvolvimento – recapitulação), integrando o espírito da variação contínua, já que os elementos melódicos utilizados provêm todos do tema inicial, enunciado pela flauta. Ora calma e expressiva, ora violenta e dramática, oscilando entre o canto sustentado pelos sopros, onde domina o corne inglês, e a explosão de todas as forças da orquestra, a música se desdobra progressivamente, por patamares, desenha uma vasta curva, depois se fecha sobre si mesma lentamente, através de uma última metamorfose do tema (nos violoncelos), que conclui esta peça essencialmente lírica em um clima introspectivo e crepuscular". Jacques Hétu.

**ACHILLE-CLAUDE DEBUSSY** (1862 – 1918)

### **Prélude à l'Après-midi d'un Faune**

#### **La Mer, trois esquisses symphoniques**

Disse o grande Pierre Boulez: "Debussy é um dos músicos mais isolados que existiram: se sua época forçou-o a encontrar por vezes soluções fugidias, felinas, por sua experiência incomunicável e sua reserva suntuosa ele é talvez o único músico francês universal, pelo menos durante os séculos XIX e XX; ele possui um poder de sedução misterioso e enfeitiçador; sua situação, no início do movimento contemporâneo, é uma posição de flecha, mas solitária. Movido por 'esse desejo de ir sempre mais longe', ele negou de antemão toda a tentativa de referir-se à ordem antiga. A época de Debussy é também a de Cézanne e de Mallarmé: essa árvore de triplo tronco é talvez a árvore da liberdade moderna; seus ensinamentos não são discursivos, mas ninguém duvida de que Debussy desejou dar a entender que era preciso, não menos do que a construir, sonhar a sua revolução".

Essas palavras do compositor, regente e musicólogo contemporâneo nosso dão bem uma idéia de como a obra inovadora de Debussy continua, ainda hoje, a despertar entusiasmo. Uma produção que parece não possuir nem antepassados nem verdadeiros sucessores; uma obra solitária, peculiar e, acima de tudo, personalíssima. Mais do que em qualquer outra parte, é na produção orquestral que se encontram os fundamentos dessa linguagem. Inven-

tando a orquestra de solistas, Debussy privilegiou a transparência do tecido sonoro e a cor específica de cada instrumento. Entre suas inovações encontram-se: divisão extrema das cordas, reabilitação do poder evocativo das madeiras, uso intenso da surdina nos metais funcionando como solistas e o agenciamento de combinações instrumentais inéditas. Tais procedimentos encontram-se em toda as suas obras orquestrais da maturidade, onde a matéria sonora é extremamente refinada, decomposta como que através de um prisma.

O solo de flauta que abre o *Prélude à l'Après-midi d'un Faune* (Prelúdio à Tarde de um Fauno), na expressão de Boulez, é também o canto de liberdade dos novos tempos, o da Modernidade. Funcionando como o fio condutor dessa obra escrita em 1892/94, essa melodia langorosa une as várias partes da partitura, encadeadas de maneira fluida e surpreendente. A trama sonora, constantemente renovada, oblitera os contornos da forma evocada, a de um simples rondó. Partindo de um poema de Stéphane Mallarmé, Debussy recria os devaneios de um fauno que, acordado ou sonhando, persegue ninfas em meio a uma diáfana floresta.

*La Mer, trois esquisses symphoniques* (O Mar, três esboços sinfônicos) data de 1903/5. As forças elementais da natureza são aí evocadas em um processo dinâmico paralelo ao que levou Monet, na pintura, e Proust, na literatura, a tematizar o mesmo assunto. Ao lembrar que o tema da água foi o tema profundo da imaginação debussiana, André Souris diria com acerto: "Tudo se passa como se o movimento engendrasse, ele mesmo, a substância sonora, assim como a água de uma fonte parece ser engendrada por seu jorrar." *La Mer* desafia a análise tradicional. Mas é possível perceber que a partitura foi elaborada de modo a funcionar como um tríptico perfeitamente coerente: os dois movimentos externos guardam certa simetria, ao fazer com que um mesmo tema leve o discurso ao seu clímax; o movimento central, por sua vez, serve de elemento contrastante no seu espírito (mas não em sua forma) de *scherzo*.

Em *De l'aube à midi sur la mer*, o próprio título (Da alvorada ao meio-dia no mar) sugere uma progressão, um incessante crescimento da luz

musical. Em *Jeux de vagues* (Jogos de ondas), o título denota um espaço – ou um tempo – que é aberto, não dirigido, livre de qualquer trajetória. Em *Dialogue du vent et de la mer* (Diálogo do vento e do mar), o discurso combina os procedimentos dos dois movimentos anteriores (“trajetória dirigida” e “trajetória não dirigida”, no dizer de André Boucourechliev), estabelecendo um diálogo entre forças antagônicas, estáticas e dinâmicas.

**SERGEI PROKÓFIEV** (1891 – 1953)

### **Sinfonia nº 5, em Si bemol maior, opus 100**

Artista de sólida formação, realizada no Conservatório de São Petersburgo, Prokófiev foi entretanto um artista ousado e rebelde, participante ativo do movimento de renovação da linguagem levado à cabo na Rússia, no início do século. Descontente com os rumos tomados pela revolução bolchevique, deixou seu país em 1918. Durante os 15 anos que passou na Europa e nos Estados Unidos, tentou aliar procedimentos vanguardistas a outros mais tradicionais, sem contudo conseguir grande sucesso de público. Mesmo sabendo que a então União Soviética vivia as duras contingências da ditadura stalinista, resolveu voltar em definitivo para a sua terra, em 1936. Sua linguagem passou então por grandes transformações – sobretudo no tocante à simplificação da escritura e à adoção de um neo-romantismo de caráter por vezes ufanista –, a fim de fazer frente às necessidades do chamado “realismo socialista”. Ainda que cerceado em sua criatividade, continuou a escrever obras de profunda significação. Esse é bem o caso da Sinfonia nº 5, em Si bemol maior, opus 100, a mais conhecida do seu ciclo sinfônico.

A Quinta Sinfonia de Prokófiev foi escrita em 1944 – em plena Segunda Guerra Mundial, portanto. Seu caráter épico procura refletir, metaforicamente, a luta do povo russo contra os invasores nazistas. O próprio autor disse tê-la concebido como “a expressão da grandeza do espírito humano”. O primeiro movimento, *Andante*, começa com um amplo e solene tema para, em seu clímax, evocar uma verdadeira batalha sinfônica. O *Allegro marcato* que vem em seguida é um *scherzo* animado por um poderoso impulso rítmico e por temas de grande agilidade. De enorme

expressividade é o lírico, nostálgico e intenso *Adagio*, no qual o autor colocou o melhor da sua indiscutível veia melódica. O *Allegro giocoso* de encerramento soa como uma dupla comemoração – de festa popular quase selvagem e de cerimônia oficial comemorativa da vitória que estava por ser alcançada.

**GIUSEPPE VERDI** (1813 – 1901)

### **La Forza del Destino, Abertura**

Elevado à condição de herói nacional ainda em vida, Verdi continua sendo uma espécie de unanimidade. Mais do que nenhum outro compositor, anterior ou posterior a ele, Verdi simboliza bem a genialidade operística italiana. Homem do povo, profundamente íntegro e idealista, ele se transformou em um artista preocupado com os dramas humanos presentes em todas as faixas da população e em todas as latitudes. A vida e a morte, o amor e o ódio, a fidelidade e a traição, a compaixão e a vingança foram metamorfoseados por ele em música dramática, que ganha a sua significação mais profunda no palco de ópera. Coros capazes de se transformar em hinos de povos inteiros, árias reveladoras dos mais profundos estados de alma, duetos nos quais a própria paixão se encarna e cenas de conjunto onde o indivíduo e a coletividade se confrontam espalham-se por sua produção duplamente generosa – pelo alto número dos espetáculos que concebeu e pela capacidade de tocar fundo até mesmo nas sensibilidades não treinadas na arte musical.

A Força do Destino, a vigésima segunda ópera de Verdi, foi estreada em São Petersburgo, em 1867, e, remanejada, alcançou enorme sucesso no *Teatro alla Scala*, de Milão, dois anos depois. Para essa nova versão, o compositor providenciou uma ampla Abertura instrumental que, de tão intensa, ganhou de imediato um lugar no repertório sinfônico. Em certa medida, a Abertura é a própria simplicidade: elenca, como em um *pout-pourri*, alguns dos motivos principais da ópera. Os três acordes iniciais e a atormentada música que os segue simbolizam o Destino; o motivo ouvido na flauta, no oboé e na clarineta, logo depois, provém de um dueto do último ato, marcado por presságios; a melodia exposta pelas cordas, em seguida, relaciona-se





com uma prece feita pela heroína, Leonora; e o tema exibido pela clarineta com acompanhamento da harpa evoca o diálogo que Leonora tem com o superior do convento que a abrigou. Como disse Michel Parouty, "toda a força dramática dessa página nasce do agenciamento e dos contrastes estabelecidos entre os vários motivos, das variações de ritmo, de melodia e de orquestração" nascidos da imaginação verdiana. E é assim que a Abertura se encerra, com acordes marciais que denunciam o triunfo do Destino.

**BÉLA BARTÓK** (1881 - 1945)

### **Concerto para Orquestra**

A crítica e a elite dos melômanos colocam Béla Bartók entre os artistas verdadeiramente fundamentais da primeira metade do século XX. O grande público, entretanto, que parece fugir da música moderna como o diabo da cruz, continua a encontrar dificuldades em saborear a sua arte feita de arestas, de fortes contrastes, de dissonâncias e de um colorido *fauve*, "bárbaro". Musicólogo interessado na música popular de vários povos, professor que tentou formar uma nova geração de ouvintes sem preconceitos estéticos e socialista que lutou contra todas as formas de opressão, Béla Bartók é, ainda que parcialmente, o compositor da Modernidade radical menos ignorado pelas programações das sociedades de concerto. Isso sobretudo no tocante às obras que escreveu no triste final da sua vida, passado no exílio, nos Estados Unidos, quando o seu radicalismo teve que ser abrandado, a fim de ser melhor digerido pelas platéias de então. Data desse período penoso - sem dinheiro, quase ignorado e devorado pela leucemia - o seu Concerto para Orquestra, partitura de invulgar cintilância composta em 1943, em um refúgio que lhe ofereceram para morar, ao norte de Nova Iorque.

O Concerto para Orquestra foi encomendado a Bartók pelo maestro Sergei Kussevitzy, através de um pedido feito por amigos do compositor, que esconderam deste esse fato, a fim de que ele não se sentisse humilhado. A obra foi estreada a 1º de dezembro de 1944, no *Carnegie Hall* de Nova Iorque, com Kussevitzy regendo a Sinfônica de Boston. Desde então, vem sendo

uma das obras mais executadas do autor. Elaborada em cinco movimentos contrastantes, ela utiliza ao máximo os recursos de timbres e de virtuosidade da orquestra moderna, fazendo apelo a um enorme efetivo instrumental.

O próprio Béla Bartók escreveria a respeito do Concerto para Orquestra: "O ânimo geral da obra representa, deixando de lado o zombeteiro segundo movimento, uma transição gradual da severidade do primeiro movimento e da lúgubre canção fúnebre do terceiro para a afirmação de vida do último. O título desta obra orquestral de caráter semelhante ao de uma sinfonia é explicado por sua tendência em tratar os instrumentos isolados ou grupos instrumentais de uma maneira concertante ou solista. O tratamento virtuosístico aparece, por exemplo, nas seções em fugato do desenvolvimento do movimento inicial (instrumentos de metal), ou na passagem à maneira de um moto-perpétuo do tema principal do último movimento (cordas) e, especialmente, no segundo movimento, onde pares de instrumentos aparecem consecutivamente com passagens brilhantes."

As partes das obras são as que seguem. Primeiro movimento: *Introduzione (Andante non troppo); Allegro vivace*. Segundo movimento: *Giuoco delle Coppie: Allegretto scherzando*. Terceiro movimento: *Elegia: Andante, non troppo*. Quarto movimento: *Intermezzo interrotto: Allegretto*. Quinto movimento: *Finale: Pesante; Presto*.

**IGOR STRAVINSKY** (1882 - 1971)

### **Petruchka** (versão de 1911)

Entre a farta plumagem orquestral de sabor orientalizante, herdada do professor Rimsky-Korsakov, de *L'Oiseau de Feu* (1910) e os violentos, inesperados e até hoje revolucionários "Quadros da Rússia pagã", de *Le Sacre du Printemps* (1913), Stravinsky estreou, em 1911, *Petruchka*, "Cenas burlescas em quatro quadros". Trabalhando então para os requintados *Ballets Russes* de Sergei Diaghilev, ele concebeu uma partitura dinâmica, colorida e sobretudo inovadora, recriando, muito à sua maneira, a Feira do Carnaval que anualmente acontecia na Praça do Almirantado, em São Petersburgo. Para tanto, utilizou de uma técnica inteiramente nova, em termos de música, a do *patchwork* (trabalho

feito de retalhos), evocando os procedimentos da livre associação de idéias, na qual novos motivos são constantemente somados a materiais apresentados e, logo em seguida, como que postos de lado.

*Petruchka* possui uma aura sonora, uma atmosfera das mais peculiares, que contrapõe, através da linguagem cifrada dos sons, o mundo "real" dos seres humanos (a multidão da Feira) ao mundo "imaginário" de simples marionetes (o trio do teatrinho do Mágico – *Petruchka*, a Bailarina e o Mouro). Para pintar o mundo "real" – aquele que aparece no primeiro e último quadros –, Stravinsky recorreu a várias melodias folclóricas russas ou, então, criou temas que se assemelhassem a materiais de fundo folclórico. Nos dois segmentos centrais da obra – aqueles que se passam no mundo "imaginário" das marionetes –, privilegiou o emprego simultâneo de várias tonalidades, a politonalidade, a fim de ampliar o efeito de estranhamento da situação narrada.

A seguir, encontram-se algumas das muitas indicações que o compositor colocou à testa da sua partitura para ser dançada, em 1911. Primeiro quadro: "A Praça do Almirantado, em São Petersburgo, na década de 1830, durante a Feira do Carnaval, em um ensolarado dia de inverno. A multidão, composta de vários tipos característicos, canta, grita e dança. Vendedores de doces misturam-se a camponeses. Bem no centro da cena, está o pequeno teatro do Mágico". Segundo quadro: "O quarto de *Petruchka*. As paredes são pintadas de preto, onde brilham estrelas prateadas. Demônios pintados sobre fundo dourado ornamentam a porta de comunicação que dá para o quarto da Bailarina. Na parede, um retrato do Mágico". Terceiro quadro: "O quarto do Mouro. Nas paredes vermelhas estão pintadas enormes palmeiras verdes, com frutos fantásticos". Quarto quadro: "A Feira do Carnaval, como no primeiro quadro; entardecer".

**HECTOR BERLIOZ** (1803 – 1869)

### **Carnaval Romain, Overture, opus 9**

Um dos primeiros compositores efetivamente românticos, o francês Hector Berlioz tinha tantas idéias, era tão visionário que nem sempre conseguiu materializar através da música as

fantasias que lhe ditava sua transbordante imaginação. As gigantescas orquestras que idealizou só seriam arregimentadas, muito depois, por Gustav Mahler em uma de suas sinfonias; os espetáculos cenográficos que tinha em mente só bem mais tarde seriam concretizados pelo cinema; e o ideal de nobreza e importância religiosa emprestados ao fazer musical até hoje esperam ser efetivados. Entretanto, Berlioz conseguiu, concretamente, revolucionar o domínio da orquestração, ao qual chegou a dedicar todo um tratado, de próspera e duradoura posteridade. A partir da Sinfonia Fantástica, de 1828, estabeleceu novos padrões sonoros os quais os artistas que vieram depois dele não puderam ignorar.

Autor de óperas monumentais que foram fracasso em sua época, Berlioz vem sendo reconsiderado nesse domínio, nos últimos anos. A obra orquestral *Carnaval Romano* foi concebida em 1844, como uma segunda Abertura para a sua ópera *Benvenuto Cellini*, de quase nenhuma repercussão em sua estréia. A orquestração poderosa dessa partitura, simultaneamente sutil e espalhafatosa, organizada a partir de temas-chave da ópera, faz dela uma página de efeito, capaz de ter vida independente do espetáculo, no circuito das salas de concerto.

# SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

JOSÉ E. MINDLIN

FERNANDO ROSA CARRAMASCHI

J. JOTA DE MORAES

JOSÉ LUÍS DE FREITAS VALLE

CARLOS RAUSCHER

GÉRARD LOEB

JAYME SVERNER

JOÃO LARA MESQUITA

JOSÉ M. MARTINEZ ZARAGOZA

GÉRALD PERRET

Presidente

Vice-Presidente e Diretor Tesoureiro

Diretor Artístico

Diretor Secretário

Diretor

Diretor

Diretor

Diretor

Diretor

Superintendente

---

Reconhecida de Utilidade Pública por Decretos Federal, Estadual e Municipal

A Orquestra Sinfônica de Montreal conta com o apoio de



Ministère des Affaires étrangères  
et du Commerce international

Department of Foreign Affairs  
and International Trade

Canada



CONSEIL  
DES ARTS

COMMUNAUTÉ  
LIBRAIRE  
DE MONTREAL

---

Coordenação Editorial Rui Fontana Lopez  
Projeto Gráfico Carlo Zuffellato e Paulo Humberto L. Almeida  
Editoração Eletrônica BVDA / Brasil Verde  
Textos sobre Compositores e Obras Sociedade de Cultura Artística  
Traduções Eduardo Brandão  
Foto de Charles Dutoit Ben Spiegel  
Fotolitos e Impressão OESP Gráfica





**Na BOVESPA, a cultura  
está sempre em alta.**

A Bolsa de Valores de São Paulo tem muito orgulho de investir em cultura.  
BOVESPA, patrocinadora da Temporada Internacional da Sociedade de Cultura Artística.

**BOVESPA**  
Bolsa de Valores de São Paulo





Temporada 08

LEI DE  
INCENTIVO  
À CULTURA



MINISTÉRIO  
DA CULTURA